

AMEAÇA A ESPECULADOR

Paulo Silva Pinto
Enviado especial

André Corrêa

São José dos Pinhais (PR) — Irritado com ameaças de aumentos de preços, o presidente Fernando Henrique Cardoso promete dar o troco àqueles que se aproveitarem da flutuação cambial para tentar ganhar mais do consumidor. “Se começarem a brincar com preço, eu abaixo as alíquotas. Com um decreto meu e acabou”, ameaçou, ao ser perguntado ontem à tarde, em entrevista no Palácio do Planalto, sobre o que o governo faria no caso de corridas ao supermercado ou aumento de preços de produtos básicos, por causa da desvalorização cambial.

As alíquotas a que o presidente se referiu incidem sobre produtos importados.

“A população pode ficar tranqüila. Não há preço a ser movido nesse momento. Vamos tirar a ciranda da nossa cabeça”. O presidente lembrou que a economia não é mais indexada, portanto, não há justificativas para aumento de preços. “Se os industriais que me pediram que subisse as alíquotas (dos importados) aumentarem os preços, eu posso baixá-las”, completou.

Pela manhã, na inauguração da fábrica da Volkswagen e da Audi em São José dos Pinhais, arredores de Curitiba, o presidente dava sinais de que aumentos de preços preocupam. Em seu discurso, deu a primeira demonstração pública de que está alerta. “Temos que ficar de olhos fixos no que disse o governador Jaime Lerner (do Paraná), e impedir que se aproveitem do momento para elevar os preços desnecessariamente. Nós não vamos deixar que haja carestia no país”, disse o presidente, com o



O presidente ao lado de ACM e Maciel no Planalto: “O poder de compra do salário do trabalhador será a menina dos olhos da política econômica”

dedo em riste. “Eu tenho experiência nisso. Fui ministro da Fazenda quando a inflação se contava aos milhares por ano”.

Segundo o ele, os brasileiros não terão que apertar seus orçamentos por causa da elevação do dólar: “Que não se iludam os incautos, que se precipitem em tirar vantagem à custa do povo. O poder de compra do salário do trabalhador será a menina dos olhos da política econômica do governo”, insistiu.

O aumento de preços a que Lerner e Fernando Henrique se referiram está em estudo pela própria Volkswagen do Brasil, segundo o presidente da empresa, Herbert Demel. Vários carros produzidos pela Volks no país utilizam peças importadas. Com a elevação do dólar, o preço ao consumidor deverá aumentar. Como o índice de nacionalização varia de acordo com o modelo, os reajustes também serão variados.

O preço do Gol, segundo a Volks, não deverá subir. O carro tem 99% de peças nacionais. São produzidos 260 mil Gol por ano, equivalentes a 80% dos carros que saem das linhas de montagem da Volkswagen no Brasil.

Herbert Demel disse que não haverá demissões de trabalhadores se a produção de 1999 se mantiver no mesmo patamar do ano passado. “Se isso não acontecer, teremos que conversar com os trabalhadores”.

A fábrica inaugurada ontem é a

mais moderna do grupo Volkswagen no mundo. Já está produzindo carros Audi A-3. Em maio, começará a produção do Golf. O índice de nacionalização do Golf é de 30%, o que deve torna o modelo mais vulnerável à variação do dólar. Até agora, porém, esse carro é importado e não tem preço definido em reais.

■ Colaborou Denise Rothenburg

■ O jornalista Paulo Silva Pinto viajou ao Paraná a convite da Volkswagen